

**“NINGUÉM PODIA SEPULTAR OS MORTOS”:
COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS CIRCUITOS
FUNERÁRIOS BRASILEIROS**

Sabrina Melo Del Sarto¹

Helena Monaco²

INTRODUÇÃO

Desde os escritos de Robert Hertz (1960), sabe-se que a morte não se resume apenas a um fenômeno fisiológico e orgânico em humanos, mas que envolve uma série de crenças, emoções e atividades que são notadamente sociais. Tais atividades incluem tanto obrigações e tabus relacionados aos parentes do falecido quanto práticas de cuidado específico com o morto que partem de uma obrigação moral. De fato, Marcel Mauss (1979) nos ensina que mesmo as expressões de sentimentos e emoções em rituais funerários têm caráter obrigatório e social. No caso das sociedades indonésias estudadas por Hertz (1960), os rituais envolvidos com a morte auxiliam o morto na passagem de um estado para outro – do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Aqui, compreende-se que a morte não se completa num ato instantâneo: ela requer um procedimento duradouro, pois não é uma destruição, mas uma transição ao renascimento.

¹ Doutor em Sociologia e Direito (Universidade Federal Fluminense, Brasil). Professor Substituto da Universidade Estadual do Mato Grosso. <http://lattes.cnpq.br/1219097565776177>. <https://orcid.org/0000-0001-7080-7676>. gabrielborgesadv@yahoo.com.br. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.

² Doutora em Sociologia e Direito (Universidade Federal Fluminense, Brasil). Pós-Doutoranda em Antropologia (Universidade Federal Fluminense, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/5726080821624933>. <https://orcid.org/0000-0002-7421-4226>. marilha_garau@hotmail.com.

Nesse sentido, a morte orgânica não consoma a morte social, pois o morto ainda é parte do sistema de coisas deste mundo e é separado dele apenas gradualmente, através de rituais e procedimentos. Nas sociedades ocidentais da atualidade, os rituais de morte que auxiliam nessa transição são realizados por profissionais específicos, a saber, profissionais do complexo funerário (Neves, 2014), e não pelos parentes próximos. Entre os procedimentos necessários, destacam-se os processos de fabricação legais e tecnológicos que atuam na construção do novo estado do falecido. Aqui, a ideia de complexo funerário diz respeito aos diferentes circuitos que agem no processo de fabricação da morte e da pessoa morta, incluindo empresas e trabalhadores funerários e os empreendimentos de destinação final (Neves, 2014), a saber, cemitérios e crematórios.

Conforme tem sido observado em diferentes cidades do mundo, como em Guayaquil, no Equador, e em Manaus, capital do estado do Amazonas, a pandemia da Covid-19 pode causar sobrecarga ou colapso dos circuitos funerários devido ao crescimento exponencial do número de mortes diárias nos locais mais afetados, conhecidos como zonas quentes³. Tendo em vista essa pressão excepcional que a crise sanitária atual pode exercer, importa investigar as condições de trabalho dos profissionais que atuam nesse ramo.

Sabe-se que o desenvolvimento do capitalismo sob os moldes do neoliberalismo cria e agrava padrões de trabalho socialmente indesejáveis, aumenta a concentração da riqueza (Saad-Filho, 2015; Dardot & Laval, 2016) e torna a precarização um atributo central do trabalho contemporâneo (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010). Os trabalhadores do complexo funerário, especialmente os coveiros, enfrentam as mais variadas formas de precarização, pois muitos profissionais não recebem instruções ou treinamentos para exercer suas funções

³ As zonas quentes (*hot zones/hotspots*) são regiões nas quais a taxa de infecção e a probabilidade de expansão geográfica da epidemia são altas (Pimenta, 2019, p. 151).

(Silva, 2019; Pêgas *et al.*, 2008) e sua contratação se dá, em grande parte, por meio de empresas terceirizadas (Monteiro *et al.*, 2017).

Em uma situação de epidemia mundial por doença infecciosa há um agravamento desses riscos ocupacionais, na medida em que esses trabalhadores podem ser expostos à contaminação pelo novo coronavírus devido ao contato com os cadáveres infectados, com familiares e pessoas próximas às vítimas. Numa situação como essa, importa lembrar, como mostram Debora Diniz e Luciana Brito (2016), que as suscetibilidades a uma epidemia não são universais: são determinadas por condições precárias de vida e, por isso, os vírus afetam os corpos de formas diferentes. Em um contexto onde não há consenso entre os profissionais acerca da contagiosidade ou não dos corpos de vítimas da Covid-19, e onde a subnotificação de casos da doença é uma realidade, os profissionais do complexo funerário lidam diretamente com os efeitos da crise, isto é, os coveiros e tanatopraxistas, que manipulam os corpos e os restos mortais, são atingidos de forma ímpar pelos efeitos da pandemia. Isso ocorre em meio a incertezas e aos riscos biológicos e psicossociais relativos aos tratos cotidianos com a morte, hoje cada vez mais numerosa.

Reconhecendo os circuitos funerários como mutáveis, dinâmicos e formadores de processos de fabricação da morte no cotidiano, o objetivo central deste trabalho é compreender como se organiza o setor funerário brasileiro e quais são os principais efeitos da pandemia causada pelo novo coronavírus nas condições de trabalho dessa categoria. A pesquisa foi iniciada a partir de um levantamento bibliográfico sobre o complexo funerário brasileiro e, posteriormente, foram analisados os dados coletados em entrevistas semiestruturadas, realizadas com profissionais e empresários do setor, sendo eles: Geraldo⁴ e Sérgio, donos de funerárias, Dora, tanatopraxista e dona de uma funerária e Wanderley, coveiro. Estes profissionais foram recrutados em São Paulo, Rio Grande do Sul e Amazonas a partir de pesquisas em mídias digitais e também através do método

⁴ Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, todos os nomes informados são pseudônimos.

de amostragem bola de neve, isto é, por meio da indicação de profissionais por outros participantes. Vale destacar a dificuldade de obter o contato com trabalhadores do cemitério: foram 15 tentativas malsucedidas de contato com outros coveiros.

Acreditamos que a comunicação com os coveiros foi dificultada porque, diferente dos empresários, eles não estão associados a uma entidade a partir da qual poderíamos entrar em contato. Adicionalmente, identificamos que o uso das mídias digitais de caráter público entre eles, como Facebook e Instagram, é menos assíduo do que entre os outros grupos pesquisados, limitando-se a aplicativos de mensagem como o WhatsApp. Importa lembrar, como colocam Miller e Horst (2015), que o digital não está dado e homogeneizado, mas que seus usos são distintos na medida em que a internet é inventada localmente pelos usuários. A entrevista com o coveiro foi feita por ligação telefônica, pois seu acesso à internet era limitado. Estes fatores foram intensificados pela condição de isolamento social indicada pelas autoridades de saúde, caracterizando um impeditivo para nosso deslocamento. Isso pode ter sido um agravante que distanciou as pesquisadoras dos sujeitos etnográficos e acentuou possíveis sentimentos de insegurança para a participação na pesquisa. Para mitigar este dilema, utilizamos algumas entrevistas, feitas com coveiros, encontradas em outras fontes - como jornais online. Além disso, vale lembrar que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

TRANSFORMAÇÕES NO TRATO COM A MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sabe-se que a consciência da morte é uma marca da humanidade (Rodrigues, 2006, p. 19) e, se retomarmos autores que escreveram sobre os rituais de morte, observamos uma ênfase no quanto os mesmos passaram por processos de transformação ao longo da história. A noção da morte como passagem e não necessariamente como o fim da vida (Weiss, 2014, p. 43), delineada inicialmente pelas crenças cristãs, fez com que as sepulturas fossem valorizadas e

reconhecidas como fundamentais para que os mortos, posteriormente, pudessem ressuscitar (Elias, 1997, p. 43) ou reencarnar. Elias (1997, p. 29) ressaltou que "morria-se sempre em público" e hoje, normalmente, morre-se na "solidão dos quartos de hospitais".

Os rituais funerários contribuem para dar sentido à transformação que a morte provoca, tanto no indivíduo quanto na esfera social (Weiss, 2014) e, na condição de pandemia em que estamos inseridas, não poderíamos deixar de observar essas modificações. Cavalcante e Schütz (2016, p. 245), em seus estudos sobre o ebola, atentaram-se para o fato de que algumas atitudes prestadas nos rituais funerários, principalmente por familiares ou pessoas próximas ao morto, ajudam a disseminar o vírus, uma vez que os expõe ao risco do contágio. No Brasil, esse risco pode também ser observado neste momento de pandemia pois, segundo Sérgio, diretor funerário, é comum ver nos momentos de velório familiares abraçando e beijando cadáveres, além da grande acumulação de pessoas se confortando pela perda dos seus entes.

Devido às inconstâncias nos estudos sobre a contaminação feita pelos cadáveres, além das regras de distanciamento social que seriam interrompidas nos momentos velatórios, foi decidido pelo Ministério da Saúde que os velórios e sepultamentos devem ser realizados de novas formas durante o período de pandemia. De maneira geral, conforme o guia para o Manejo de Corpos no Contexto do Novo Coronavírus (Brasil, 2020), publicado em março, os velórios e funerais de suspeitos ou vítimas da Covid-19 não são recomendados e, caso os familiares e conhecidos optarem por fazê-los, devem seguir algumas regras. Primeiramente, devem manter a urna funerária fechada durante toda a cerimônia de despedida, evitando qualquer tipo de contato com o corpo. Para garantir essa ordem, as vítimas de Covid-19 saem do hospital envoltas por dois invólucros que, após serem esterilizados, são depositados no caixão que deve ser lacrado. Em seguida, são levadas diretamente para o cemitério. O caixão, após sair do hospital, não pode ser aberto novamente. A cerimônia de despedida deve ocorrer

em lugares ventilados e, de preferência, abertos, com no máximo 10 pessoas, respeitando a distância mínima de 2 metros entre elas e, em seguida, ocorre o sepultamento. O protocolo recomenda também que não haja a permanência de pessoas que pertençam a grupos de risco, como idosos, portadores de doenças crônicas e imunodeprimidos. Nas entrevistas vimos que o tempo de permanência no velório e a quantidade de pessoas que podem participar das cerimônias de despedida podem variar. Foi relatado que em algumas cidades as cerimônias de despedida podem durar de 4 a 6 horas, com no máximo 3 pessoas no cemitério, em outras, duram 15 minutos e, naquelas localizadas nas zonas quentes, não é autorizada a entrada de nenhum familiar ou amigo da vítima. De acordo com o coveiro Wanderley,

[...] mudou muita coisa... porque antigamente era muita gente lá dentro, agora só mesmo visagem e alma [...] tá tudo fechado, não pode entrar nem pra visita não [...] caixão lacrado, né? Não aparece nada, com plástico, plástico preto. E os normais já pode entrar 3 familiares no máximo, mas de Covid-19 não podia entrar ninguém não, só mesmo os coveiros que entram lá. (Entrevista, 2020)

A tanatopraxista Dora nos contou que foi a partir de um abaixo-assinado online com mais de 10 mil assinaturas que as novas medidas de segurança foram adotadas para as vítimas da Covid-19. A iniciativa do abaixo-assinado foi resultado da falta de consenso no setor sobre a possibilidade de contaminação a partir dos cadáveres, bem como das disputas de interesse envolvendo a realização dos velórios ou a forma ideal de manuseio e preparação dos corpos. Entre as novas medidas adotadas, destaca-se o caixão lacrado, o uso dos dois invólucros plásticos, a obrigatoriedade do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a redução do tempo e do número de participantes nos momentos velatórios.

E aí, assim [...] como o segmento funerário é um segmento meio sem lei, né, a gente tem as normas, mas não existem muitas leis que nos protegem. O que que acontece? Esses caras que são diretores dessas entidades fazem o que querem. A questão dos EPIs, por exemplo, eles não queriam comprar EPI. Eles não queriam comprar os EPIs pros funcionários [...] Dentro desse abaixo-assinado eu, a gente pontuou que todos [...] deveriam ter macacão, na verdade deveria ser obrigatório desde sempre... Macacão, luva, máscara, touca, avental, tudo. Tudo, absolutamente tudo. Então eu bati o pé, e eles dizendo “não, não, não, não, não”, e eu batendo o pé dizendo que sim [...] Foram 16 protocolos traduzidos, um por um, e adaptei pra dentro da realidade brasileira. [...] E aí muitas funerárias acataram meu protocolo, pegaram ele e fizeram do jeito que eu disse que era pra fazer, porque tá dentro das normativas internacionais. (Entrevista com Dora, 2020)

Impossibilitados de fazer velórios, ou com a permissão para fazê-los apenas com um número reduzido de participantes e de tempo, os enterros exigiram ressignificações no momento das cerimônias de despedida. Uma das saídas encontradas foi a participação de parentes e amigos através de chamadas de vídeo, outros optaram pelo *memorial book*, nas palavras da tanatopraxista:

[...] Eu penso nas famílias, eu fico chateada, sabe? Porque eu sei que é fogo você não poder se despedir. Mas eu também não acho certo eu expor quem tá vivo. Quem morreu, morreu. Aí nós criamos o *memorial book*, que a família paga [...] 30 reais por ano. Aí a família manda uma foto e tu manda esse livro pra vários familiares e esses familiares podem se despedir pela internet. Foi uma saída

que a gente encontrou [...] É tipo um memorial online pra que as pessoas possam se despedir. (Entrevista com Dora, 2020)

As funerárias concentram-se no atendimento ao público, ou seja, no que os sujeitos da pesquisa chamam de acolhimento aos familiares do morto, bem como nos procedimentos legais de fabricação da morte e, enfim, na lida com o corpo: recolhimento no local do óbito e preparação para a destinação final. Assim, o trabalho nas funerárias envolve uma série de funções e procedimentos que podem ser exercidos pelo mesmo profissional ou, em empresas maiores, por diferentes funcionários.

O empresário Geraldo explica que, em cidades pequenas, é comum que as funerárias sejam empresas familiares, com poucos funcionários e que atendem poucos óbitos. Por esse motivo, o diretor funerário agiria como um “faz-tudo”, exercendo grande parte das funções. Em funerárias maiores e localizadas em centros urbanos, com volume maior de atendimentos, a divisão de trabalho também é maior. Assim, elas contam com diretor funerário, responsável pela administração da empresa; agente funerário, responsável pelo traslado do corpo e pelos procedimentos burocráticos; funcionários voltados à contratação; tanatólogo, responsável pela preparação do corpo; e cerimonialista, responsável pela cerimônia na destinação final. Nos empreendimentos de destinação final, destaca-se a função dos coveiros, ou sepultadores, responsáveis pela abertura de sepulturas, realização do enterro, limpeza do cemitério e exumação.

Conforme mencionado, pesquisas apontam que, mesmo antes do advento da epidemia de Covid-19, os coveiros já enfrentavam condições de trabalho precárias no país (Pêgas *et al.*, 2008; Silva, 2019). Salienta-se que esses trabalhadores não têm instrução ou treinamento específico para o exercício de suas funções ou quanto ao uso de EPIs e frequentemente não têm acesso aos equipamentos de segurança e itens de higiene adequados. De fato, Silva (2019)

demonstra que os coveiros pesquisados utilizavam EPIs inadequados, como luvas reutilizáveis, sem higienização e, por vezes, furadas; não havia Equipamentos de Proteção Coletiva (EPC) como sinalizadores para evitar quedas ou acidentes e, ainda, que esses profissionais não tinham acesso a itens básicos de higiene em seu local de trabalho, como sabão, e, por isso, higienizavam as mãos apenas com água durante o expediente.

Nesse sentido, os coveiros estariam expostos a uma série de riscos ocupacionais, a saber, risco biológico, químico, físico, ergonômico e psicossocial (Pêgas *et al.*, 2008). Chamamos atenção especial ao risco biológico potencialmente acentuado no período de pandemia viral pela ausência de botas, vestimentas e luvas adequadas, marcadamente na exumação e limpeza das sepulturas onde há contato direto das mãos com o necrochorume proveniente dos túmulos (Silva, 2019; Pêgas *et al.*, 2008). Pêgas *et al.* (2008) destacam que esses riscos se acentuam devido à ausência de legislação específica que proteja os trabalhadores de serviços funerários.

Entretanto, a identificação de tais riscos não é consenso entre os profissionais dos circuitos funerários. Geraldo acredita que seria desnecessário o uso de macacões, luvas e máscaras por coveiros, já que as urnas funerárias que contém corpos de vítimas da Covid-19 chegariam lacradas aos cemitérios. O diretor argumenta que não haveria risco de contaminação por parte do coveiro, contanto que a urna não seja violada e que seja mantida uma distância de três metros da família durante o enterro. No entanto, o coveiro entrevistado afirma que ele e mais nove funcionários do cemitério em que trabalha foram contaminados pela Covid-19, mesmo fazendo uso dos equipamentos de segurança. Ele acredita que o contágio aconteceu porque os coveiros não tinham preparo ou o costume de utilizar os EPIs. Os macacões, de material frágil, por vezes se rasgavam durante o uso. Outras vezes eram os próprios coveiros que retiravam os equipamentos devido ao calor intenso: “[a gente] não tá acostumado com esse monte de equipamento e tinha horas que a gente tirava e... como aqui é muito abafado, eu

acho que foi por isso.” Em alguns lugares houve também a falta de equipamentos, levando alguns coveiros a utilizar sacos plásticos no lugar dos macacões para se protegerem (Guillen, 2020).

Outra categoria de profissionais que lidam diretamente com os corpos é a dos tanatopraxistas. Como nos contou Dora, a tanatologia ou tanatopraxia, apelidada de “tanato” por nossos interlocutores, consiste no embalsamento, que pode ser feito ou não, a depender das condições do corpo e especificidades do funeral. O procedimento, que tem o objetivo de retardar a decomposição do corpo, consiste na incisão em uma artéria principal e na injeção de um fluido que percorrerá o sistema circulatório para enrijecer os tecidos. Posteriormente, esse fluido é aspirado junto com o sangue e pode ser inserido, ou não, um fluido cavitário, a depender da técnica utilizada pelo profissional. Então, a incisão é fechada e as vias aéreas são tamponadas para evitar o extravasamento de líquidos. Por fim, é feita a higienização do corpo, que também é vestido e maquiado antes de ser levado para o sepultamento.

O empresário Geraldo reconheceu que os trabalhadores do setor funerário se encontram em situação de exposição a uma gama de doenças infectocontagiosas, devido ao trato com os cadáveres. No entanto, mesmo considerando o contato direto com fluidos corporais, o risco de contágio da Covid-19 pelos cadáveres, como dito anteriormente, é motivo de controvérsia no setor. Há quem defenda que o corpo que veio a óbito por Covid-19 não transmite a doença, entretanto, a tanatóloga Dora afirmou que ela mesma foi infectada pelo vírus devido ao manuseio de um cadáver sem o uso de máscara, quando a preparação de corpos com Covid-19 ainda era permitida. Vale lembrar que, embora atualmente esses cadáveres não possam ser preparados pela tanatopraxia, essa interdição não se estende para os demais óbitos, o que intensifica o risco de infecção pela subnotificação.

A subnotificação atinge o trabalho de todos os profissionais dos circuitos funerários, uma vez que novas medidas são adotadas mas não consideram necessariamente o crescimento abrupto no número de mortes. Com a subestimação do número de mortes, alguns segmentos não realizam novas contratações, causando uma sobrecarga dos trabalhadores, principalmente dos coveiros. Quando questionado sobre o cotidiano do trabalho no cemitério durante a pandemia, o coveiro Wanderley relatou:

[...] antes disso era um trabalho diário, normalmente a gente limpava os terrenos por quadra e era um trabalho bem normal, mas depois que chegou a pandemia parece que ficou tudo de cabeça pra baixo. [...] nós chegava, já ia trabalhar ou já ia começar a cavar buraco, era mais de 150 buracos por dia, tinha dia que era mais de 150 buraco por dia e era um caixão em cima do outro, porque não tinha buraco, aí tinha que fazer tipo uma vala, tipo assim um caminho, uma rua, era pra botar um caixão sobre o outro, era muito pesado, aí juntou dois meses sem muita... sem tempo né... que o tempo que a gente tinha era pra enterrar os mortos mesmo. [...] Aqui, como se diz, ninguém podia sepultar os mortos, já era os coveiros, os donos das funerária que fazia isso, os familiares não podia entrar. (Entrevista, 2020)

O coveiro também nos contou que outro problema enfrentado pelos trabalhadores do cemitério era a dificuldade de ficar longe de seus familiares e o medo de levar a doença para dentro de casa, colocando-os em risco. Em suas palavras: “[...] eu tinha que me afastar da minha família, eu tinha que afastar dos meus filhos... chegava em casa, tirar a roupa lá fora, passava horas pra me limpar”. A questão da higiene como forma de prevenir o contágio ou proteger a família emergiu muito durante as entrevistas e remeteu-nos aos escritos de Mary

Douglas. Segundo a autora, “[...] a sujeira é um elemento indicador de risco, capaz de colocar a ordem em perigo.” (1976, p. 167), neste sentido, na situação atual de pandemia mundial, houve também a necessidade de reformular as práticas cotidianas de higiene do corpo como forma de garantir e reestabelecer a própria ordem social. Para além do novo regime de trabalho, portanto, novos hábitos de higiene tiveram que ser rapidamente adquiridos, exigindo uma readequação das práticas cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário de uma pandemia em curso delimita o espaço e o tempo do trabalho antropológico, uma vez que não é possível circunscrever com exatidão os desdobramentos deste momento que ainda está em andamento e que afeta diretamente tanto os interlocutores quanto as pesquisadoras. Por se tratar de um contexto fluido, a realidade pandêmica está compondo e sendo composta pelos sujeitos no momento da investigação. Assim, na medida em que a pandemia ainda está delineando seu percurso, ela demanda que a construção de dados etnográficos seja feita de maneiras outras.

Apesar dos desafios apresentados, entendemos, em conformidade com Denise Pimenta (2019), que as epidemias se apresentam como reveladoras de conflitos e desigualdades sociais e econômicas e, nesse sentido, a pandemia da Covid-19 pode ser pensada como um locus privilegiado para compreender as estruturas sociais. Isso pode ser observado nas disputas emergidas nas falas dos trabalhadores dos circuitos funerários entrevistados que revelam a ausência de consenso nas suas perspectivas. Visto que entrevistamos pessoas com cargos de chefia e também trabalhadores mais precarizados do segmento, além de termos circulado entre as diferentes regiões do país, observamos que principalmente nas zonas quentes houveram mudanças significativas para os trabalhadores, empresas e clientes dessa categoria após o início da pandemia causada pela Covid-19.

Para os trabalhadores, além da obrigatoriedade de utilização de novos equipamentos de segurança, sem a instrução para o uso dos mesmos, notamos que houve uma intensificação na rotina de trabalho e um aumento no sentimento de exposição ao risco envolvido com os serviços prestados. Já para os donos de funerárias, as mudanças ocorreram mais no âmbito econômico, uma vez que, com a ausência de velórios, passaram a comercializar apenas as urnas e não mais todo o cerimonial. Ademais, destaca-se a obrigatoriedade de fornecimento de EPIs para os funcionários a partir da mobilização dos mesmos através do abaixo-assinado. Finalmente, para a clientela houve uma ressignificação e readequação dos rituais de despedida, com cerimônias mais curtas, com poucas pessoas e, em alguns casos, online.

A dificuldade na adoção das medidas de segurança recomendadas pelas autoridades de saúde nacionais e internacionais foi apontada principalmente na entrevista com o coveiro, uma vez que o mesmo relatou que a ausência de preparação e a inviabilidade do uso dos equipamentos durante o trabalho manual ocasionou a contaminação de 10 coveiros em um só cemitério localizado em uma zona quente. A falta de consenso no início da pandemia sobre a preparação ou não dos corpos também resultou na contaminação de tanatopraxistas que não estavam habituados a utilizar os equipamentos de segurança. Esses dados nos revelaram, mais uma vez, que não há um consenso entre a população que trabalha no setor funerário a respeito de sua condição de vulnerabilidade frente à pandemia. De fato, os diretores das funerárias indicaram que não se identificam nem reconhecem seus funcionários como população vulnerável, defendendo a permanência dos velórios e ressaltando a impossibilidade de contaminação através do manejo de cadáveres.

Variações geográficas e o cargo ocupado dentro do setor demonstraram o quanto a pandemia é vivenciada de maneiras diversas, evidenciando, como citou Judith Butler (2020, p. 62), que as desigualdades sociais e econômicas fazem com que o vírus discrimine. Nesse sentido, embora seja verdade que o vírus em

si mesmo não escolhe suas vítimas, não há como negar que os efeitos do nacionalismo, racismo, xenofobia e do capitalismo fazem com que o vírus pese de formas distintas sobre diferentes corpos (Butler, 2020, p. 62). Assim, percebe-se que as desigualdades sociais estão ainda mais evidentes e isto influi diretamente no percurso de contaminação do vírus e no autorreconhecimento de exposição à vulnerabilidade ou não, o qual é específico de cada trabalhador dos setores que lidam diretamente com os efeitos da pandemia.

Observamos na fala de Dora que não há regulamentação que proteja os funcionários do segmento quanto à oferta de EPIs pelos diretores funerários e tampouco em relação aos seus salários, que não possuem piso e nem teto. Adicionalmente, as organizações representantes do segmento funerário, incluindo os sindicatos, defendem apenas os interesses dos empresários, enquanto os trabalhadores do setor permanecem sem representação política no Brasil.

Apesar disso, sublinhamos que os trabalhadores que estão mais expostos às condições de contágio, como os coveiros e tanatopraxistas, estão resignificando seus modos de agir e encontrando formas alternativas para negociar seus modos de trabalho durante a pandemia. Os relatos mostraram que, nesse segmento, a questão econômica parece ser privilegiada pelos empresários e organizações, em detrimento de outras demandas como a própria segurança e sobrevivência dos trabalhadores que têm contato com os corpos. Entretanto, a ação conjunta dos mesmos resultou na obrigatoriedade das novas medidas que asseguraram condições de trabalho mais seguras para a realidade pandêmica, contribuindo na prevenção do contágio de doenças infectocontagiosas. Aqui, podemos observar o que Sherry Ortner (2007) escreveu sobre a relação entre poder e agência. Ela ressalta que a viabilidade para exercer a agência é desigual entre as pessoas e, portanto, a realização de projetos para alguns acarreta na subordinação de outros. Mas esses outros subordinados não são desprovidos de

agência, pois têm seus próprios projetos e formas de resistir aos processos de subordinação.

Novas configurações estão sendo compostas e negociadas entre os diferentes segmentos do setor, uma vez que os agentes sociais se encontram envolvidos em uma multiplicidade de relações de solidariedade, poder e desigualdades (Ortner, 2007). Dentro dessas relações, os trabalhadores estão agindo e compondo com a realidade social em que vivem, encontrando maneiras particulares para vivenciarem a pandemia e realizarem seus trabalhos.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2020). *Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus: COVID-19*. Brasília, DF. Recuperado em 9 novembro, 2020 de: https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus_versao1_25mar20_rev3.pdf.

Butler, Judith (2020). El capitalismo tiene sus límites. In Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Jean Luc Nancy, Franco "Bifo" Berardi, Santiago Lopez Petit, Judith Butler, Alain Badiou, David Harvey, ByungChul Han, Raul Zibechi, Maria Galindo, Markus Gabriel, Gustavo Yanez Gonzalez, Patricia Manrique y Paul B. Preciado. *Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias* (pp. 59-65). Madrid: ASPO.

Cavalcante, João R. S. & Schütz, Gabriel E. (2016). A epidemia de doença pelo vírus Ebola de 2014: o Regulamento Sanitário Internacional na perspectiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 24(2), 242-247.

Diniz, Debora & Brito, Luciana (2016). Epidemia provocada pelo vírus Zika: informação e conhecimento. *Reciis*, 2(10), 1-5.

Elias, Norbert (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Franco, Tânia, Druck, Graça, & Seligmann-Silva, Edith (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 229-248.

Guillen, Fabio (2020). Coveiros usam sacola e capa de chuva contra a covid-19 em Sarandi. *CBN - Maringá*, Maringá. Recuperado em 9 novembro, 2020 de: <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/coveiros-usam-sacola-e-capade-chuva-contra-a-covid-19-em-sarandi>.

Hertz, Robert (1960). A contribution to the study of the collective representation of death. In Robert Hertz. *Death & The Right Hand* (pp. 27-86). Glencoe: The Free Press.

Mauss, Marcel (1979) [1921]. A expressão obrigatória dos sentimentos. In Marcel Mauss & Roberto Cardoso de Oliveira (Orgs.). *Marcel Mauss: Antropologia* (pp. 147-153). São Paulo: Ática.

Miller, Daniel & Horst, Heather (2015). O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo*, 2(3), 91-111.

Monteiro, Daniel, F. B., Pereira, Verônica. F., Oliveira, Laureane. L., Lima, Oscar P., & Carrieri, Alexandre P. (2017). O trabalho sujo com a morte: o estigma e a identidade no ofício de coveiro. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 6(1), 77-98.

Neves, Marcos F. A. (2014). *Por onde vivem os mortos: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Ortner, Sherry (2007). Poder e projetos: reflexões sobre agência. In Miriam Grossi, Cornelia Eckert & Peter Fry (Orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas* (pp. 45-81). Blumenau: Nova Letra.

Pêgas, Diana. J., Santos, Fanny. E. A., Guijarro, Janaina O., & Poveda, Vanessa B. (2008). Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, 3(1), 70-76.

Pimenta, Denise (2019). *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada por mulheres, vivas e mortas)*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Rodrigues, José C. (2006). *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

Saad Filho, Alfredo (2015). Neoliberalismo: uma análise marxista. *Marx e O Marxismo*, 4(3), 58-72.

Silva, Wallison M. (2019). *Riscos à saúde e segurança do trabalho de coveiros e auxiliares em dois cemitérios municipais de Curitiba-PR*. Monografia de conclusão de curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil.

Weiss, Inajara K. (2014). As faces da morte: um estudo antropológico das variadas formas de inumação. *Revista Alamedas*, 2(1), 37-50.

"NINGUÉM PODIA SEPULTAR OS MORTOS": COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA OS CIRCUITOS FUNERÁRIOS BRASILEIROS

Resumo

Nesta pesquisa, por considerarmos que a morte não se resume a um fenômeno fisiológico e orgânico, mas que envolve uma série de crenças, emoções e atividades que são notadamente sociais, buscamos compreender como se organiza o complexo funerário brasileiro e quais são os principais efeitos e implicações da pandemia da Covid-19 nas condições de trabalho dos profissionais dessa categoria. Questões como sobrecarga de trabalho, riscos ocupacionais e exposição à doença são evidenciadas a fim de nos aproximarmos das implicações propiciadas pela crise sanitária atual a partir da perspectiva daqueles que trabalham diretamente nesse ramo. Como metodologia de pesquisa, utilizamos entrevistas semiestruturadas com os profissionais da área bem como um levantamento bibliográfico e documental. Percorremos os caminhos das novas configurações que estão sendo compostas e negociadas entre os diferentes segmentos do setor e notamos que há, principalmente, uma falta de consenso na identificação da condição de vulnerabilidade desses trabalhadores.

Palavras-chave: Circuitos funerários. Covid-19. Morte. Condições de trabalho.

"NADIE PODÍA ENTERRAR A LOS MUERTOS": EL COVID-19 Y SUS IMPLICACIONES PARA LOS CIRCUITOS FUNERARIOS BRASILEÑOS

Resumen

En esta investigación, por considerar que la muerte no es sólo un fenómeno fisiológico y orgánico, sino que también involucra una serie de creencias, emociones y actividades notablemente sociales, buscamos entender cómo está organizado el complejo funerario brasileño y cuáles son los principales efectos e implicaciones de la pandemia del Covid-19 en las condiciones de trabajo de los profesionales de esta categoría. Cuestiones como la sobrecarga de trabajo, los riesgos laborales y la exposición a enfermedades se ponen de manifiesto para abordar las implicaciones que aporta la actual crisis sanitaria desde la perspectiva de quienes trabajan directamente en esta rama. Como metodología de investigación, se utilizaron entrevistas semiestructuradas con profesionales del área, así como una encuesta bibliográfica y documental. Trazamos los caminos de las nuevas configuraciones que se están componiendo y constatamos que existe, principalmente, una falta de consenso en la identificación de la condición de vulnerabilidad de estos trabajadores.

Palabras clave: Circuitos funerarios. Covid-19. Muerte. Condiciones de trabajo.

"NOBODY COULD BURY THE DEAD": COVID-19 AND ITS IMPLICATIONS FOR BRAZILIAN FUNERAL CIRCUITS

Abstract

In this research, we consider that death is not only a physiological and organic phenomenon, but also involves a series of beliefs, emotions and activities that are notably social, we seek to understand how the Brazilian funeral complex is organized and what are the main effects and implications of Covid-19 pandemic on the working conditions of professionals in this category. Issues such as work overload, occupational risks, and exposure to disease are highlighted in order to get closer to the implications of the current health crisis from the perspective of those who work directly in this field. As a research methodology, we used semi-structured interviews with professionals in the area, as well as a bibliographic and documental survey. We traced the paths of the new configurations that are being composed and noted that there is, above all, a lack of consensus in identifying the condition of vulnerability of these workers.

Keywords: Funeral circuits. Covid-19. Death. Working conditions.

CONTRIBUIÇÃO

Sabrina Melo Del Sarto

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

Helena Monaco

A autora declara ter contribuído para este texto da seguinte forma: financiamento (equânime), concepção (equânime), teorização (equânime), coleta de dados (principal), análise de dados (equânime) e conclusão (equânime).

CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As autoras declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O/A autor/a agradece ao/à “Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao INCT Brasil Plural pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Sarto, Sabrina M. D. & Monaco, Helena (2022). "Ninguém podia sepultar os mortos": covid-19 e suas implicações para os circuitos funerários brasileiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(25), 487-508.